

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 176 — Domingo, 21 de Outubro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BONS IMPRESSOS
E CARIMBOS
NA —
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3
A. V. E. N. G. A.

PARA QUANDO

a reparação da ponte do Almagem?

NÃO é a primeira vez, e porventura não será a última, que nos referimos ao estado em que se encontra a ponte do Almagem, onde os primeiros temporais do inverno passado causaram tão graves danos que foi mister encerrá-la ao trânsito. Como solução provisória, passou-se a utilizar a ponte romana, umas centenas de metros a montante daquela, tendo a Direcção das Estradas de Faro mandado proceder ao concerto da respectiva estrada de desvio e reforçar a velha ponte, que, embora submetida ao trânsito intenso de autocarros e camiões pesadíssimos, tem dado — até agora... — boa conta de si.

No entanto, a experiência já demonstrou sobejamente que essa solução de emergência não pode manter-se, correndo o risco — como já tem acontecido — de transformar-se em definitivo o que não pode deixar de ser provisório.

Não obstante todos os cuidados com que a entidade respectiva reparou a estrada e procurou defender a velha e estreitíssima ponte dos perigos a que ficou sujeita, quer pelo intenso movimento de veículos, quer pelo peso excessivo da maior parte dos que por lá transitam, a verdade é que, sempre que desaba uma chuvada de maiores proporções, como sucedeu no domingo passado, a estrada fica inundada, cortando, dessa

forma, as comunicações rodoviárias com toda esta importante zona do extremo sotavento algarvio. Somos testemunhas de alguns dos percalços desta natureza ocorridos o ano passado, e sabemos, como aliás qualquer pessoa pode imaginar facilmente, o que tão estranha situação representa de incómodos, graves aborrecimentos e importantes prejuízos para as actividades económicas desta região.

Por outro lado, não devemos esquecer que o Turismo, que tem sofrido, entre nós, da grave doença de muitas falas e poucas obras, mas que começa enfim a ser devidamente compreendido, também é seriamente afectado por semelhante estado de coisas. Muitos são os estrangeiros que nos visitam, entrando em Portugal pela fronteira desta vila, e alguns hove, o inverno passado, que sofreram dissabores de monta com as enchentes do Almagem — circunstância que, seja dito em abono da verdade, nada nos presta

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

TERÇO DA L. P. de Olhão

Realizou-se, há dias, na sede do Comando Distrital da Legião Portuguesa, em Faro, em cerimónia a que presidiu o respectivo comandante, sr. tenente-coronel Madeira, a posse do sr. tenente Carlos da Conceição Cabrita no cargo de comandante do terço da L. P. de Olhão, motivo por que apresentamos a este distinto oficial, que também comanda a secção da Guarda Fiscal naquela vila, os nossos cumprimentos.

Almoço de confraternização de antigos alunos do Liceu de Faro

Um grupo de antigos alunos do Liceu de Faro pretende, num espírito de verdadeiro saudosismo e amizade, reunir-se num almoço de confraternização, em Lisboa, no próximo dia 1.º de Dezembro.

Porque são muitos os antigos alunos residentes na capital e nos arredores, espera-se que o número de adesões seja penhor indiscutível duma grande reunião amistosa.

Igualmente se convidam os antigos professores daquele Liceu, e muitos o que são os que residem em Lisboa.

Todos os assistentes poderão fazer-se acompanhar dos respectivos cônjuges.

As adesões devem ser dirigidas à sr.ª dr.ª D. Maria Odette Leonardo da Fonseca, Travessa de D. Vasco, 35-1.º Dto., Lisboa, ou à Casa do Algarve, R. Capelo, 5-2.º.

A Comissão agradece que lhe enviem moradas de antigos colegas residentes em Lisboa e lhe indiquem os anos em que frequentaram o Liceu, para facilitar a organização dos grupos.

REGRESSO A BALZAC

RARAMENTE leio livros de ficção. Na minha juventude, li tudo o que me caía nas mãos: Hugo e Salgari, Verne e Zola, todos eu li com sófrego prazer, com o mesmo alvoroço de quem ia empreender uma viagem por terras desconhecidas. Digam o que disserem: a leitura dum livro é sempre uma aventura. Nessa época, eu tinha muito tempo livre e possuía essa grande reserva que era toda a minha vida ainda por viver, essa larga estrada que se me afigurava nunca mais ter fim. Hoje, as responsabilidades são outras, e creiam que abandonei completamente os ficcionistas substituindo-os por outras leituras, obras de história, de sociologia e economia, tudo o que pode derramar luz nesta época de pesadelo e de incertezas em que vivemos. Mas, de vez em

quando, vou à estante e leio apressadamente umas páginas dum romance de Eça, passeio os olhos por uma novela de Camilo e entristece-me que nos meus olhos não saltem as lágrimas maravilhosas do rapaz, quando me angustia pelos infelizes amores de Teresa e pelo amargo destino de Maria Moisés. Hoje, oh! meus insensíveis e realistas amigos! quem é que tem a coragem de confessar que chora por essas bagatelas, quando os maiores dramas desenrolados aos nossos olhos não encontram em nós o mais pequeno eco, a menor compreensão?

Assim, quando à rotineira da vida eu roubo uns momentos de ócio, entretenho-me ainda com as histórias contadas por outros homens, histórias de opulentos e pobretões, honestos e salafraios, de pulhas e homens generosos. Desenterto um mundo que é igual e idêntico àquele que agora se vive, mas um mundo que se abre como uma flor deslumbrante, um mundo de fel e lágrimas, amor e ódio, humildade e orgulho, um mundo menos discreto, menos hipócrita do mundo que eu poderia alcançar desta minha janela. Cla-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

FUNCIONALISMO

Para exercer as funções de chefe da Secção de Finanças deste concelho, foi nomeado o sr. António do Carmo Ramos, natural de Loulé e residente em Lisboa, onde prestava serviço.

ORGANIZAÇÃO

DA INDÚSTRIA DE CONSERVAS

COM a publicação do recente diploma sobre a produção e comércio de conservas de peixe, um grande passo em frente acaba de dar-se na nossa história económica.

A reorganização das actividades da indústria de conservas de peixe, dentro do surto renovador que está animando toda a indústria nacional, visa, entre outros objectivos, a melhoria das condições de aquisição das matérias primas básicas, o dimensionamento adequado das instalações industriais, o incentivo à qualidade da produção, o estudo sistemático e continuado das condições dos mercados para a colocação dos produtos e a sua melhoria organizada.

No preâmbulo deste decreto dá-se bem a ideia da importância desta indústria e o que ela significa na nossa balança de pagamentos:

«A indústria de conservas de peixe, pelo volume dos capitais investidos — mais de 500 mil contos de capital fixo e cerca de 520 mil contos de capital circulante — pelo número de operários que ocupa — 22.521 em 31 de Dezembro de 1955 — e pela importante fonte de divisas que re-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

A HORA DO ALGARVE

UMA COLÓNIA DE FÉRIAS EM ALBUFEIRA

SERIA ocioso encaixar a utilidade e o valor das colónias de férias para as classes trabalhadoras, pelo que representam para o seu desenvolvimento moral, físico e intelectual, e, principalmente, como elemento de recreação — elemento de que carecem, hoje mais do que nunca, todos aqueles que na difícil labuta quotidiana angariam os meios de subsistência indispensáveis para si e para os seus.

A Federação Nacional para a Alegria no Trabalho, prestigioso organismo a que preside o nosso ilustre comprouviano sr. dr. Quirino dos Santos Mealha, prosseguindo na sua meritória tarefa de proporcionar a to-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



UM LINDO ASPECTO DA PRAIA DE ALBUFEIRA

PORTIMÃO

agradece ao Governo

a elevação de categoria do seu liceu

A FIM de agradecer ao Governo a elevação a categoria de nacional do Liceu Municipal de Portimão, uma comissão daquela cidade, composta pelos srs. Salvador Vilarinho, presidente do Município, Cruz Soares, Pedro Boneca, dr. Guerreiro de Matos e Rui Pargana dos Santos, vereadores, avistou-se com os srs. ministro e subsecretário da Educação Nacional, respectivamente prof. eng. Leite Pinto e dr. Rebelo de Sousa, a quem manifestaram o seu reconhecimento pela efectivação de tão antiga e justa aspiração, que vem satisfazer o anseio da população não só daquela cidade como a de toda a vasta região barlaventina, que colhe largos benefícios com a medida promulgada.

CONTO NATURALISTA

SOMBRA DE MULHER

(Conclusão do n.º 175)

REGRESSEI a Lisboa, desgostoso, e fui para Angola trabalhar na vida comercial. Meu pai abraçou-me e deu-me parabéns.

O poeta Pedro António Correia Garção, casado e com filhos, foi empolgado por uma paixão aos 47 anos de idade.

Uma antologia de sonetos portugueses publicada em 1918 diz, no

FEIRA FRANCA EM LOULÉ

Nos dias 28 e 29 do corrente mês, terá lugar mais uma vez, em Loulé, a já tradicional Feira Franca, que de ano para ano se vai tornando mais importante, pela grande afluência de visitantes que se regista e pelo número de transacções a que dá lugar.

NOVOS POSTOS DE CORREIO

Foram criados postos de correio na Corte António Martins, freguesia de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António; Azilheiro, freguesia de Estói, e Bela Curral, freguesia da Conceição, ambos do concelho de Faro.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

No dia cinzento e triste

No dia cinzento e triste, entra por todos os poros da casa a voz entrecortada do saxofone. É um ceguinho que apregoa a sua desgraça. Encosta-se ao umbral da casa nova e ali fica a moer seu velho, infatigável realejo. Se o outono não andasse dentro de mim fazendo das suas. Se o dia não fosse cinzento e triste. Se a vida não pesasse nem doesse — é possível que eu esquecesse ou nem ouvisse os mugidos longos e torturados. Assim, morbidamente, custa a sacudir o jugo. De outra maneira: é impossível evitá-lo. Em plena noite, sinto-o encavilhado nos nervos, esporeando. Mentalmente, trauteio a melodia que o saxofone repete até ao infinito.

Ainda

Ontem, visita-me a sr.ª D. I. Mora aqui na rua. Desistiu de me ensinar a canasta, agora andamos juntas a aprender uma malha complicada. Mas não foi a propósito dela que me visitou.

— Já não posso suportar o saxofone. Tenho a impressão de que vou endoidecer.

E depois, com um ar muito convicto:

— Se já não estiver...

Tratou, para evitar a loucura, várias hipóteses: convencer o ceguinho a afastar-se, pedir a intervenção não sei de quem... Excitadíssima. Que, além do mais, não estava certo.

— Bem lhes basta a desgraça, quanto mais obrigá-los a pedir esmola. Os cegos deviam ser educados de maneira a ganharem honradamente o seu pão, num trabalho socialmente útil... Geralmente, a I. não fala assim.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

MAJOR SOUSA NUNES

Passou alguns dias de férias em Tavira, em casa do sr. capitão António de Brito Aboim Vila Lobos, o nosso querido amigo e distinto colaborador sr. major José de Sousa Nunes.

"RENOVAÇÃO"

Com este título, anuncia-se a próxima publicação de uma revista bimensal de cultura, informação e divulgação técnica, que se propõe abordar os mais instantes problemas de ordem doutrinária e prática, no âmbito das actividades económicas nacionais.

Aguardamos o seu recebimento para lhe fazermos mais detalhada referência.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com sua família, regressou de Monte Gordo a Faro o nosso prezado assinante sr. dr. Fausto Redondo Pinheiro, distinto Conservador do Registo Civil naquela comarca.

Também regressou de Monte Gordo a Faro, com sua família, o distinto médico radiologista sr. dr. Júlio Sancho, nosso estimado assinante.

Terminadas as férias judiciais, já regressou a Silves, com sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Afonso Gonçalves Xavier Fernandes, meritíssimo Juiz de Direito daquela comarca.

Esteve no Algarve o nosso prezado amigo e assinante, em Lisboa, sr. José Gonçalves Rodrigues, delegado na capital do nosso prezado colega, de Beja, «Diário do Alentejo».

Acompanhado de sua família, regressou de Albufeira a Faro, onde fixou residência, o nosso prezado amigo e assinante sr. Gerósio António Santos, importante proprietário em Loulé.

Após uma curta permanência na sua Quinta de Cima, em Cacia, onde descansou da viagem que fez ao redor de África, a bordo do «Vera Cruz», já voltou para Lisboa o nosso ilustre confratão e prezado amigo sr. engenheiro Sebastião Ramirez, deputado pelo Algarve.

Retirou para Tânger, onde reside, o nosso prezado amigo e assinante sr. António Rodrigues Alvares, depois de ter passado as suas férias em casa de sua família, nesta vila.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso estimado amigo e assinante sr. Alfredo Augusto Baptista Peres, distinto chefe da secretaria da Câmara Municipal de Tavira.

Regressou da Praia da Rocha à sua casa de Faro, com sua família, o nosso prezado amigo sr. dr. Mário Lyster Franco, ilustre director do nosso estimado colega «Correio do Sul».

Regressou a Lisboa a nossa confratã sr.ª D. Maria do Carmo da Costa Aleixo, aluna do 1.º ano da Faculdade de Medicina.

Também partiu para a capital o nosso amigo sr. Sebastião Dias Santos Silveira, que vai frequentar o curso de Direito.

Foi a Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. António dos Anjos Ruivinho, acompanhado de seu filho, sr. António João Chumbito Ruivinho, distinto aluno da Escola do Exército.

De regresso à Índia Portuguesa, seguiu ontem para a capital o sr. Eduardo Baptista Antunes, agente da P. I. D. E., acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Angélica Aguilera Antunes e de seus filhos Carlos Alberto e Maria de Fátima Antunes.

De visita a sua família, esteve nesta vila, o nosso prezado assinante sr. Ernesto Martins, residente em Olhão.

Esteve nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado assinante sr. José Valentim do Nascimento, tendo já retirado para Lisboa, onde reside.

Acompanhado de sua esposa, regressou da sua viagem por Espanha o nosso prezado confratão e amigo sr. capitão Joaquim Guilherme Travassos.

Com sua esposa esteve nesta vila, de visita a sua família o nosso prezado assinante e estimado amigo sr. Jacinto d'Assunção Pinto, digníssimo chefe da secretaria da Câmara Municipal de Albufeira.

Regressou de Lisboa, onde esteve de visita a sua família a sr.ª D. Maria Carolina de Brito Neves.

Esteve entre nós em gozo de licença, o sr. José Afonso Correia Castanheira, tendo já retirado para Lisboa.

De visita a seus pais, encontra-se nesta vila o sr. Fernando Marques, filho do nosso estimado amigo e assinante sr. José Rodrigues Marques.

Encontra-se em Lisboa, onde foi consultar a medicina, o nosso prezado assinante sr. Sebastião Lourenço Correia.

Regressou de Sintra, onde es-

CALENDÁRIO SETEMBRO

Setembro começou com chuva impertinente, a fazer crer que o verão findara para a gente, mas a chuva passou e o verão, embora obtuso, teve ainda, afinal, duas semanas de uso!

Ao entrar o outono, o tempo, caprichoso, apresentava um ar sorridente, formoso; foi, talvez, muito breve a apresentação, fantasia de quem falsificara o verão...

Falemos de Setembro, o mais ou menos fresco, sob o lado festivo, um lado pitoresco: o domingo inerente à semana primeira é sempre dedicado à nossa Padroeira.

Procissão e concerto e fogos e quermesse o povo aguarda então, com desusado interesse; a tudo dá realce a esplêndida Avenida, «larga, airosa, bonita, um pouco mais crescida».

Na semana seguinte, a festa aiamontina atinge proporções de coisa grande, fina, dezenas de milhar de lusos visitantes lá tentam disfrutar momentos interessantes.

Na vizinha Aiamonte há arte para as festas e assim se justifica uma frequência destas; (engraçado é notar como, entre duas tretas, descobre o forasteiro achar-se sem pesetas...)

Touradas, futebol, certames musicais, corridas de ciclismo e regatas navais, fogos soltos e presos, aéreos e aquáticos, são, da festa citada, atributos simpáticos.

Onde aquela, porém, o apogeu alcança é quando a procissão nas ruas se abalança, com três bandas após, e forças das Armadas de Espanha e Portugal, em marchas cadenciadas.

Voltando a terra nossa, à terceira semana de bandeirinhas mil a Praia se engalana; Monte Gordo vai ter a sua festa anual, para a qual empregou o brio tradicional.

Metade do Algarve à Praia se desloca, a ver a procissão e dar uma banhoca; a areia dourada alia-se aos folgares, nela se dança e brinca, há cantos, e há jantares...

Reunem condições, a Praia, como a Vila, para alinharem entre as da primeira fila na realização do anual festejo; houvesse, de vontade, aquilo que há de ensejo!

Uma festa bem feita a todos satisfaz e larga projecção a qualquer terra traz; chegará, para o ano, a óptima surpresa de uma Festa maior e Grande, de certeza?

E. DE CASSIM

teve de visita a seus tios sr. Joaquim da Palma Rita e D. Ernestina de Brito Palma Rita a sr.ª D. Maria dos Anjos de Brito Neves.

Casamentos

No passado dia 3, realizou-se em Fátima, na Capela das Aparições, o casamento da sr.ª dr.ª D. Rosa Maria Coelho Guerreiro Pereira Gago, gentil filha da sr.ª D. Albertina Rosa do Nascimento Guerreiro Pereira Gago e do nosso prezado amigo, sr. coronel João Afonso Pereira Gago, com o sr. Aníbal de Sousa Guerreiro, conceituado industrial em Faro, filho da sr.ª D. Maria José de Sousa Lopes Guerreiro e do nosso prezado amigo sr. Aníbal da Cruz Guerreiro, dedicado sócio-gerente das empresas de viação E. V. A. e Rodoviária.

Paraninaram o acto, por parte da noiva, seus pais, e, por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Elvira Marim Teixeira Farrajota Cavaco e seu marido, sr. José Guerreiro Farrajota Cavaco.

Foi celebrante o rev. cônego dr. António Baptista Delgado, pároco de Olhão.

Aos noivos, que fixaram residência em Faro, desejamos, sinceramente, as maiores felicidades.

No passado dia 13 do corrente, realizou-se em Lisboa, na Igreja dos Jerónimos, o casamento da sr.ª D. Isabel Vaz Afonso, filha da sr.ª D. Maria dos Mártires Afonso e do nosso prezado assinante sr. João Vaz Afonso, mestre de pesca, com o sr. Fernando Rodrigues de Albuquerque, estudante de Arquitectura, filho da sr.ª D. Adélia Rodrigues de Albuquerque e do sr. Júlio de Albuquerque.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, o sr. José António Ritta, importante industrial deste centro, e sua esposa sr.ª D. Maria José Rodrigues Xavier Ritta, e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Antónia Guerreiro Ritta e o sr. Domingos Uva.

Desejamos ao novo casal muitas felicidades.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

OS GOSTOS DE UMA SECRETÁRIA AUSTRALIANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dade do que estes últimos, embora menos variados. E, como a maior parte das suas compatriotas, é ela quem faz quase todos os seus vestidos, por economia.

A base da sua alimentação é a carne e o chá. Só raramente, por cortezia, é que Joyce toma uma chávena de café. Os bifés, as costeletas, os assados — figuram diariamente na sua ementa e, muitas vezes, ao pequeno almoço, acompanha os seus ovos com um succulento bife.

No capítulo «rapazes», Joyce prefere os desportistas aos que têm uma carteira bem recheada. Como a maior parte das raparigas australianas, não tem muito tempo para frequentar os clubes nocturnos. Aprecia mais jogar o ténis, nadar ou dançar, uma vez por outra.

Além da perícia nos seus desportos preferidos, Joyce aprecia a boa disposição, o sentido do humor e a simplicidade de carácter nos seus companheiros. Quanto ao casamento, conquanto esteja dentro dos seus projectos do futuro, pensa que é uma tolice casar, só para ter «quem a alimente».

Para terminar, uma confidência: a simpática rapariga confessa que não conhece quase nenhuns rapazes estrangeiros, mas que aceitaria uma oportunidade de poder compará-los com os seus compatriotas, os quais, segundo palavras suas, são «diamantes em bruto».

Robert C. Miller

MORADIA E ARMAZÉM
Vendem-se, no centro da vila.
Trata o construtor civil, Mateus Fernandes.

PROVINCIA

TAVIRA

Curso de Sargentos Milicianos de Infantaria

Iniciou-se na passada segunda-feira, 15 do corrente, mais um «Curso de Sargentos Milicianos de Infantaria». Os mancebos, que este ano atingem cerca de um milhar, já começaram a movimentar a vida da cidade, cafés, restaurantes, cinema e outras actividades. Os «milicianos» também vêm contribuir com a sua quota para ajudar algumas famílias modestas, pois muitas pessoas há que, nesta ocasião, alugam quartos, lavam roupa, ajudam com essa receita a economia caseira, que nos tempos correntes, nos lares mais modestos, anda sempre desfalcada. Comanda o «Centro de Instrução» o sr. major Junqueira dos Reis, distinto oficial.

Doidos ou criminosos?

Lemos, há dias, num jornal do País, a doidice que campeia com a «fúria da velocidade» que vai por essas ruas e estradas de Portugal. Aqui em Tavira, para não fugir à regra, dá-se precisamente o mesmo.

Qualquer fulano, a quem muitas vezes não se confiaria a menor responsabilidade, tem o direito de manejar um veículo a seu belo prazer — o prazer do irresponsável. Ora o veículo é hoje um instrumento de morte, só devendo confiar-se a pessoas assidasas. Mais de que uma carta de instrução primária, deveria exigir-se ao condutor de um automóvel um atestado de bom equilíbrio mental, de respeito e compreensão dos direitos alheios.

Novo horário de automotoras

Foram-nos, há dias, oferecidos alguns horários das automotoras que circulam no Algarve, pelo nosso amigo sr. Cabrita, dig.º chefe da Estação de Vila Real de Santo António. É curioso que em Tavira, uma cidade, ainda não foram recebidos na Estação local os ditos horários, porquanto os mesmos desde há muito tempo já foram distribuídos na Estação da Luz de Tavira, neste concelho. Mistérios que não sabemos explicar. — C.

ODELEITE

Serviços de cobranças

Há dias, alguém, que se nos dirigiu, mandou buscar a Lisboa uma pequena porção de sementes à cobrança — porque, na regra geral, é mercadorias que se entende a pronto pagamento.

Porque esse alguém — o nome não interessa — não encontrou quem lhe levantasse nos correios de Castro Marim, teve que ali se deslocar de propósito, dando como resultado; transporte de camioneta, almoço,

eventuais, junto ao custo das referidas sementes, ficaram as mesmas ao preço de diamantes. Por estas e outras razões da mesma ordem, lembramos a grande necessidade de neste correio ser montado o serviço de, pelo menos, pequenas cobranças. Temos notado, diariamente, a movimentação de um número regular de unidades de correspondência; mas não conhecemos se será o suficiente para ser posto em prática a modalidade a que nos vimos referindo.

Ao prestimoso organismo que são os C. T. T., sempre no crescente desejo de atender, a bem dos serviços públicos, nos dirigimos, confiadamente, na melhor das hipóteses, em que a nossa justa aspiração seja um facto concreto, pelo que muito gratos ficaríamos.

Petróleo

Está a sentir-se grandemente a falta deste combustível, o que causa sérios transtornos. Não sabemos se, quando esta notícia veja a luz da publicidade, já terá aparecido, mas, no entanto, até ver não é tarde.

Asfalto

Fez a desejada aparição, em transporte motorizado, mas, por motivos por nós desconhecidos, nem um litro aqui ficou.

Por que seria? pergunta quem se vê em fortes embarços para pôr a mesa à prole.

Falecimentos

Firmino António

No passado dia 17 do corrente, faleceu na vizinha Praia de Monte Gordo, onde era natural, o sr. Firmino António, de 80 anos de idade, viúvo, marítimo.

O falecido era pai da sr.ª D. Adelina da Conceição e dos srs. Manuel António, José António, Francisco António e Firmino António Júnior, conceituado comerciante naquela localidade e nosso prezado assinante, e avô das sr.ªs D. Maria do Carmo e D. Arminda Madeira, casada com o sr. Júlio B. Mateus, e dos srs. António Madeira e Luís Madeira.

À família enlutada, «Notícias do Algarve» apresenta sentidas condolências.

José Pedro de Sousa Oliva

Na passada sexta-feira, dia 19, faleceu, na sua casa desta vila, o sr. José Pedro de Sousa Oliva, viúvo, de 85 anos, natural desta freguesia, piloto-mor, aposentado, da Barra e Rio Guadiana e antigo industrial de conservas.

O venerando extinto, que disfrutava, merecidamente, de grande consideração e estima gerais, era pai das sr.ªs D. Rosa Oliva Martins, casada com o sr. Humberto Martins, conceituado artista gráfico em Lisboa, e D. Elvira Oliva de Oliveira, casada com o sr. José Pereira de Oliveira, piloto-mor da corporação local e vereador municipal; e do nosso prezado amigo sr. Alberto de Sousa Oliva, funcionário superior do I. P. C. P., na sede deste organismo, em Lisboa.

O funeral do saudoso ancião, que deixa em todos muitas saudades, em virtude do seu trato afável e cordial, sobretudo com as crianças, realizou-se, com grande acompanhamento, ontem, para o cemitério municipal desta vila.

À família enlutada, apresentamos a sincera expressão do nosso profundo pesar.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

PORTO
RAINHA SANTA
ATÉ
OS ANJOS
BEBEM!...
RODRIGUES PINHO
& C.
Vila Nova de Gaia

ATENÇÃO

A Papelaria e Livraria «ARTYS», avisa os Ex.ªs Pais e Encarregados de Educação de que, além de ter todo o material necessário aos estudantes, facilita-lhes a sua aquisição, com a abertura de uma conta corrente. TODOS A «ARTYS» — Rua de Santo António, n.º 92 (frente ao Café BRASILEIRA — FARO)

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AGENDA

MOVIMENTO DA BOIA de Vila Real de Santo António De 13 a 19 de Outubro:

TRAINEIRAS	
Flor do Guadiana	28.060\$00
Brisa	24.720\$00
Flor do Sul	20.650\$00
Janita	17.850\$00
Tozé	10.300\$00
Audaz	10.220\$00
Leste	9.760\$00
Infante	7.530\$00
Liberta	6.570\$00
Conceição	4.950\$00
São Torquato	2.670\$00
Aldita	760\$00
Total	144.040\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 13 a 19 de Outubro:

Entrados:	
GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Cádiz, com carga em trânsito.	
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Leixões, vazio.	
GOLFINHO, Rebocador Português e o Batelão «Pareda», de 261 ton., de Lisboa, vazio.	
Saídos:	
GRANDSON, Suíço, para Génova, com conservas.	
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.	

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 20 a 26 de Outubro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Apontamentos

UMA GRANDE OBRA da Dramaturgia Espanhola

NESTAS brevíssimas linhas, não pretendo dizer nada de novo. Porém, elas têm dois objectivos: Em primeiro lugar, fazer o elogio, embora já um pouco tardio duma grande obra da dramaturgia espanhola contemporânea; em segundo lugar, exprimir umas ideias, embora superficiais, sobre um assunto que nunca é demais abordarmos: a crítica.

O trabalho crítico, tomado no seu mais alto sentido, não só com recriminações mas também com elogios, é sem sombra de dúvida um trabalho de enorme valia.

A crítica construtiva é obra absolutamente imprescindível para que qualquer sociedade evolua no sentido positivo e, por conseguinte, atinja o seu mais alto grau de perfeição, tanto quanto possível.

Da mesma maneira que apoiamos a crítica ponderada, desapassionada e racional, numa palavra — sã — combatemos com todas as forças aquele que pretende provocar a sensação, com fito comercial, com fins escandalosos, género criado através do jornalismo pelo húngaro naturalizado americano, Pulitzer, no século XIX.

Perguntar-se-á por que razão se misturam considerações desta ordem com o elogio a uma peça espanhola?

A razão é simples. Nessa obra, «A Muralha», de Joaquim Calvo Sotelo, focam-se com absoluta perfeição vários aspectos da vida e lá encontraremos a tal crítica sã, tão desejada e tão necessária.

Depois de ver a peça, só lamentei que ela não tivesse sido escrita por um autor português, e fiz a mim próprio uma pergunta, a que não soube responder: por que razão não se fazem em Portugal peças assim?

Será por falta de autores? Não creio.

Por ausência do objecto de crítica? Ainda menos.

Outubro de 1956.

Fernando Honrado

PARA SI MINHA SENHORA
NOVOS TECIDOS COM NOVAS CORES
APRESENTADOS NA ITÁLIA

EM Busto, um nome para nós quase desconhecido, mas como que simbólico para uma passagem de modelos, realizou-se há dias, na Itália, a esperada Apresentação Internacional dos Tecidos. Não se limitou, porém, o acontecimento a simples apresentação de fazendas ou sedas, mas à passagem de modelos de algumas das casas de Milão. Na primeira parte, foram apresentados modelos práticos de vestidos, «tailleurs», casacos, impermeáveis e «prontos a vestir». Na segunda, apareceram os vestidos para «depois das cinco», «cocktail», teatro e jantar, e ainda as capas sumptuosas e os vestidos de estilo para as noites de cerimónia.

Segundo os relatos dos críticos dos jornais de modas, a passagem constituiu um verdadeiro sucesso não só nas novidades têxteis apresentadas mas também na indiscutível categoria dos novos cortes para 1957. De tudo quanto foi apresentado, porém, destacou-se, de maneira notável, o conjunto de impremeáveis das várias casas de costura. Ofereceu-se à mulher italiana toda uma colecção de casacos em sedas lindíssimas nas mais bonitas cores e nos feitios mais elegantes. Os rosas — desde o pálido ao velho; os azuis — desde o celeste até ao petróleo; os verdes e os tons de areia ostentaram-se nestes casaquinhos para vestir por cima do vestido prático ou em complemento do de mais vestir. Começa, porém, a chover. Apressadamente, a elegante despe o seu casaco de seda, volta-o do avesso, torna a vesti-lo e, desta vez mostrando a face de «nylon» ou de «cotonyl», temos o impermeável em imitação de «Príncipe de Gales», de escocês tricolor ou do sempre bonito «ped de poule».

A grande vedeta dos tecidos foi, no entanto, o veludo em vestidos de «cocktail» e de jantar. Todos nós sabemos o encanto que representa a palavra veludo, mas também a hesitação de o empregar, pela dificuldade de manter aquele aspecto reluzente e sedoso que faz a sua beleza. O veludo 1957 tira-nos todos os receios. E' lavável, como o são as lãs vulgares; pode endireitar-se com ferro quente sem que «amasse» e, maravilha das maravilhas, não perde o seu brilho primitivo. Apresentaram-se, no famoso tecido,

lindos duas-peças, casacos de rua e de saída de baile, vestidos simples e modelos complicados, jogando, todos, afinal, apenas com a beleza da seda e dos novos coloridos: verde-garrafa — encantador quando enfeitado com pele branca; azul safira, rosa coral e o moderníssimo violeta de parma. A flanela de lã tratada com o «tergal» também agradou imenso, pois, sendo leve e quentinha, se pode levar para a rua sem temor à chuva mais cerrada. Tal como nas modernas gabardinas dos homens, o «tergal» — fibra sintética à base do petróleo — impermeabiliza o conjunto.

Finalmente, os vestidos de noite apareceram e neles brilharam as sempre maravilhosas sedas italianas, por agora um pouco ofuscadas pelo profusão dos bordados multicolores. Também as fibras sintéticas — talvez sem grande necessidade — apareceram neste género de modelos. Uma musselina, à base de «nylon» leve como uma espuma de imaculada alvura e de «cair» admirável, dava uma beleza única a dois lindos vestidos trabalhados em artísticos drapeados. Os brocados de seda imitando tapeçarias antigas também despertaram a atenção dos compradores que assistiam à passagem.

Dentro das normas lançadas pela moda parisiense, com as mesmas capinhas, os mesmos cintos, os mesmos drapeados e os mesmos «fourreaux», a moda italiana marcou com a apresentação de tecidos modernos e das suas incomparáveis sedas.

Noémia Gil Farla

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.



DESPORTO
BASQUETEBOLE
TORNEIO DE ABERTURA

Lusitano, 20 - «Os Olhanenses», 70

Jogo no campo «Libertário Sousa», em Olhão.

Árbitros: Gilberto Ferreira e Alfredo Martins.

Lusitano: Ângelo (2), Gavino (1), Andrade (9), Branco (8), Albano, Salas, Jara I, Jara II e Graça.

«Os Olhanenses»: Sêrio (6), Madeira, Cunha (8), Simões (6), Amaro (14), L. Branco (1), Hernâni (10), Serrano (6), Vinhas (19).

A equipa dos Olhanenses realizou magnífica partida, vencendo assim, por marca substancial, a jovem equipa lusitanista.

Esta fez um desafio daqueles que não deixam saudades, pois muitas bolas lançadas ao cesto mereciam melhor sorte do que a que tiveram.

Nestas circunstâncias, mais não pôde que lutar, sempre com a mesma vontade indomável, contra a adversidade que a perseguia e também, diga-se, contra o seu forte antagonista, ainda por cima a jogar bem.

No entanto, o Lusitano, também tem que jogar mais em conjunto e deixar-se dos rasgos individuais, mas isso com certeza virá com a rotação que se está agora a fazer.

Nos Olhanenses, todos jogaram bem, com passes bem medidos e bons encastamentos; no Lusitano, sempre a mesma vontade férrea, o que é de enaltecer. A arbitragem agradou.

FERRADOR

Precisa-se um mestre ferrador.

Dirigir a António Machado Júnior — Furnazinhas.

LUZIRÍ

Na sua recente fórmula, o melhor de todos os limpa-metais
EXPERIMENTAR É CONTINUAR!

ARGENTA

Prateador de todos os metais à base de prata pura, que as pratas limpa, como nenhum outro, restituindo-lhes o brilho perdido

PEDIDOS A:

LUZIRÍ e ARGENTA

Rua D.ogo Bernardes, 16-2.º Esq. — LISBOA

TIPOGRAFIA SOCORRO

FUNDADA EM 1891

FÁBRICA DE CARIMBOS

PREMIADA COM «DIPLOMA DE MÉRITO» NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA EM LISBOA

TODOS OS SERVIÇOS GRÁFICOS NUMA CONFECCÃO ESMERADA

— CARIMBOS EM TODOS OS MODELOS —

JORNAIS • REVISTAS • LIVROS • RELATÓRIOS • ESTATUTOS • CARTAZES • ENVELOPES • CARTAS COMERCIAIS • CIRCULARES • FACTURAS MEMORANDUNS • RECIBOS • CARTÕES DE VISITA • ENCADENAÇÕES

TELEFONE 59

APARTADO 3

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CONTA GOTAS PARA QUANDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

sim. Devem ser palavras ouvidas em casa, ao marido. Mas tem razão. Sim, um trabalho socialmente útil...

...E o saxofone a esbracejar, como alguém a pedir socorro. I. arranca o nariz do vidro, que ficou embacado. Resignada.

— Não lhe digo nada, não faço queixa a ninguém. Deixá-lo. Collado. Já viu como o dia está bonito? Nem uma folhinha boia...

Bole, angustiado, como um naufrago às cavalitas das ondas, o saxofone pardacento.

Foi o caso que em Santarém...

Acredito no amor à primeira vista. Pronto, acredito. Vê-lo e amá-lo foi obra de um segundo. Os folhetins, com os diábolos, falam certo. Foi o caso que em Santarém fui à praça comprar fruta. Sou maníaca. Basta ver as mãos sordidas do hotelheiro ou do criado tocarem no pão, e já não sou capaz de comê-lo. Por isso, fora de casa, faço refeições de fruta. Em Santarém não havia dela com fartura. Cara. Uma dúzia de maçãs, dez escudos, e assim por diante. Comerá fruta o povo de Santarém? Bom, vinha eu muito descansada, quando vejo, postos nos meus, uns olhos de menina. A menina ia atarefada com um melão. Segurava-se ao chale da mãe, que merceava hortaliça. Olhava para mim e dizia:

— O melão é meu. Deu a madrinha. A madrinha é aquela. Gostas de melão?

— Gosto. Muito.

— Gostas? Queres uma fatia? Ai desata ela a rebuscar, nas bancas, uma faca. A mãe agarrou-a. Mas a menina torcia-se, repetia que precisava de uma faca:

— E' para dar uma fatia de melão a esta sinhoa.

— Não sabes se a senhora quer.

— Quer. Não quer? Eu abanei a cabeça.

— Mas, depois, não podemos ir com o melão aberto...

— Podemos. Olha, dá todo a ela.

A mãe estava confusa.

— Gostas da senhora? Foi tudo muito rápido. A menina pousa o melão no estrado e corre para mim. Agarra-me na mão e fica a olhar para os outros, de perna traçada, muito séria, como se posasse no fotógrafo.

Sinto ainda, na minha mão, o pequenino delta de carne, macio e quente.

Recordação inesquecível esta, recordação que enriquece a vida. Maria Almerinda, de Santarém.

Camões num azulejo

Sou uma invejosa. Uma olhada, como disemos em pequenas. Não posso ver certas cousas, que me não fuja logo a mão para elas. Certas cousas. Por exemplo, o dr. Samuel Dinis, do Monfortinho, tem o escritório recheado de «bibelots» graciosos e raros, muitos. Entretenha-me a olhar, a admirar. Se me dissessem: querias?, enco-

ria. Maria Manuela Nunes

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANÚNCIO

2.ª PRAÇA

Faz-se público que no dia 7 do próximo mês de Novembro, pelas 15 horas, na Sala das Reuniões desta Câmara Municipal, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de: «Construção de Arruamentos em Monte Gordo».

Base de licitação . . . 49.500\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas filiais ou delegações, o depósito provisório de 1.237\$50, mediante guia passada pelo concorrente.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

As propostas, devidamente instruídas, serão enviadas pelo correio, em carta registada, até 48 horas antes da hora fixada para o concurso.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Secretaria desta Câmara e na Direcção de Urbanização do Distrito de Faro.

Vila Real de Santo António, 18 de Outubro de 1956.

O Presidente da Câmara,

José Victor Adragão

O «Notícias do Algarve» torna o Algarve maior, fazendo-o chegar a toda a parte. Faça com que o Algarve chegue cada vez mais longe, conseguindo um novo assinante.

Pelo Dr. CRUZ MALFIQUE

CURIOSIDADE

Da curiosidade se poderia dizer o que Esopo disse da língua a seu senhor, Xanto, que Deus haja: é a melhor e a pior das coisas; a melhor, por ser a chave das ciências, o órgão da verdade e da razão; e a pior, por ser fonte de desentendimentos e instrumento da calúnia.

Por analogia, também nós poderíamos dizer da curiosidade: é a melhor e a pior das coisas; a melhor, porque, sem ela, o homem ainda não teria desbastado a crassa ignorância com que veio ao mundo; porque, sem ela, não teria criado a ciência, cogitado a filosofia, depassado o mundo de lés-a-lés; e a pior, porque, mercê dela, o homem mete o nariz onde não é chamado, passando depois a dar com a língua nos dentes, deitando mostarda no convívio social.

Não há, pois, nada de pior nem nada de melhor do que a curiosidade, tudo função do emprego que se lhe der. A curiosidade precisa de ser educada num sentido construtivo, sob pena de se transformar em bisbilhotice, a tal espécie de curiosidade doentia que leva o homem a enfiar os olhos pelos buracos das fechaduras e a esmagar os ouvidos contra as paredes.

FILOSOFIA DO ENJÓO

Já alguém, explicando o enjão, diz que estômago sem lastro não se pode aguentar a bordo, porque, se o navio afocinha à frente, é o baço que o machuca; se descaia à ré, é o fígado; se inclina a bombordo, é o coração; se tomba a estibordo, é a bexiga...

Esta fisiologia do enjão é pitoresca — mas não deve estar certa. O certinho, certinho, é que, quando o enjão chega, vomitamos seis xícaras de café, ainda que só tenhamos tomado uma... É o milagre da multiplicação das... xícaras.

LEITURA

Por mais paradoxal que o pareça, a muita leitura, feita de fugida, é equivalente de preguiça mental. Antes ler pouco e em profundidade, do que muito e superficialmente.

Leitura, só uma vale, olhada a coisa pelo lado intelectual: é aquela que se faz com propósitos de reflexão pessoal passada ao papel. «Passada ao papel» — dizemos nós. Isso é fundamental. Só a caneta nos pode devidamente parturejar o espírito.

Tomar notas do que se lê é bom. Meditar, de pena na mão, o que se lê é, porém, muito melhor.

«FLIRT»

O «flirt» não passa de uma paródia do amor. É o amor em diagonal, periférico, que enxovalha, apesar de usar luva branca. Diz-se que três mudanças de casa equivalem a um incêndio. Pois, e por analogia, poderíamos afirmar que três «flirts» consecutivos numa rapariga equivalem a nódoa indelével — que nenhuma água lava. Razão tinha o outro para nos garantir que o «flirt» é amor sem amor, amor que mata o amor e até a capacidade de amar. Há sofismas lógicos. Pois também os há sentimentais. O «flirt» é o sofisma do amor.

LOCAL INATINGÍVEL

O tédio de viver vem-nos, por vezes, das baldadas tentativas que fazemos no sentido de ganharmos a perfeição, mas ficando tão longe dela como da estrela Sírius. Levantámo-nos tão alto do nosso ideal de perfeição que, por mais esforços que realizemos, nunca o alcançamos. E daí nos vem uma profunda insatisfação de viver. Queríamos asas para voar, e apenas nos arrastamos como répteis. Queríamos ser o anjo, e não passamos da besta. Do simum, dizem os árabes: «é o deserto que se lamenta de não ser pradia vicejante.» O spleen que nos invade é o simum da insatisfação de querermos ser o que não conseguimos.

AMEIXIAL

Pelo Fundo de Desemprego, foi concedida à Junta de Freguesia do Ameixial, concelho de Loulé, a verba de 18.000\$00, destinada aos trabalhos da 1.ª fase da Igreja Matriz.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

Notícias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

QUEM QUER VAI...

HÁ questões da maior importância para a vida portuguesa que parecem votadas ou condenadas à estagnação, a despeito de tudo que se diz e escreve, se determina ou resolve fazer em seu favor. Há dessas questões em todos os campos, abundando elas no da instrução pública e da educação dos rapazes e raparigas. São das mais dolorosas, e por vezes desanimadoras, as verificações que se podem fazer, quanto à contradição flagrante entre as palavras de aprovação e incitamento e a inação, o desprezimento dos que aprovam e incitam, quando estão, o que tantas vezes sucede, nas melhores condições de realizar ou facilitar a realização daquilo que tão útil declaram ser.

O que se tem escrito e dito, por exemplo, sobre escolas maternas, jardins-escolas, «creches» e outras formas de dar às crianças aquilo de que elas necessitam, daria muitos e grossos volumes. O que se tem realizado, devido à boa vontade, entusiasmo, ou, como até há quem lhe chame, mania de alguns, é quase nada, porque esses alguns são bem poucos e de poucos recursos.

Quantos jardins-escolas há em Portugal? Uma dúzia, talvez. Quantas pessoas, colocadas em boas condições de realização, têm apoiado, defendido e aclamado, em palavras, a criação dos jardins-escolas... e nada tem feito? Devem contar-se às centenas. Porque sucede assim? Donde vem esta contradição, que, manifestando-se em tantos aspectos da vida portuguesa, parece ser um estigma, uma doença incurável, uma maneira de ser irremediável?

Mais uma vez se procura remediar o mal, a propósito de jardins-escolas. Pessoas devotadas, das que estão sempre prontas a dar tudo o que podem em trabalho, porque pouco ou mais nada podem dar, tentam organizar esforços e recursos, para que o País comece, finalmente, a ser dotado com jardins-escolas, cuja utilidade e necessidade parece que já não devia ser preciso lembrar a ninguém. Mas, ai de nós! É precisamente o que mais necessário se torna fazer. Não sei com que contam os prégadores e organizadores desta cruzada. Mas quero-me parecer que, se confiamos principalmente nas entidades oficiais — as que tinham obrigação — e nos bafejados pela fortuna — os que tinham obrigação — para o sonho se tornar em realidade, depois de muito esforço e tempo empregados a remover dificuldades, não lhes hão-de faltar as decepções e as desilusões.

Mas se, embora não desprezando esses auxílios, se dedicarem a pregar e ensinar os que não sabem e pouco podem, é muito provável que alguma coisa se possa obter, se houver persistência no esforço, não esperando ter, em pouco tempo, resultados compensadores. É preciso criar a boa-vontade entre aqueles que mais probabilidades têm de beneficiar os jar-

dins-escolas, isto é, entre os modestos, os pobres; os outros não sentem necessidade de jardins-escolas, porque têm escolas e têm jardins, que o dinheiro que possuem põem à sua disposição, onde e como quiserem.

E' por isto que, a despeito de tudo que se possa fazer (e que se deve fazer, porque nada se deve desperdiçar), a tarefa principal e até indispensável é a de, em cada localidade em que se pretenda fundar um jardim-escola, conseguir que os futuros beneficiados por ele se interessem pela sua fundação. E' preciso agitar, nessas localidades e por todas as formas, a ideia da necessidade do jardim-escola, até se organizar um agrupamento, interessado, o mais possível, na sua realização. É natural que se afogue demorado e difícil este processo de servir a ideia que se pretende pôr em prática. Na verdade, assim é, mas, apesar disso, é ainda o menos difícil e o menos rápido, porque confiando, repito, nos poderosos do mando e da fortuna, haverá farta colheita de boas palavras e solenes promessas, mas tudo continuará, pouco mais ou menos, como antes, porque a isto, como a tantas outras coisas, se aplica o conhecido provérbio: «Quem quer vai, quem não quer manda».

Emílio Costa

REGRESSO A BALZAC

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ro, tenho as minhas preferências, os meus autores selectos, meia dúzia de interlocutores a quem permaneço fiel e devotado. E de vez em quando, eu regresso a esses autores.

Balzac é um desses escritores dilectos. A sua leitura constitui ainda para mim o melhor antídoto contra a chateza da vida e a monotonia dos dias iguais, contos deste grande rosário que é a existência de todos nós. Não é bem a intriga em Balzac que me interessa; estou demasiado cansado da urdidura romanesca e o que me entusiasma em Balzac é a profundidade e extensão dos seus audaciosos conceitos, a rudez dramática ou sarcástica da vida, a brutal escalpelização de tudo o que é sórdido e mesquinho na conduta humana. E espanto-me como um homem que se reclamava monárquico, ultra-tradiconalista, conseguiu retratar uma sociedade inteira combatendo-a, como pôde chocar de tudo o que até aí fora considerado como virtude, natural e justo. Jamais escritor algum chegou a conclusões tão pessimistas sobre a vida da nossa sociedade. Censura-se-lhe o facto de atribuir às suas personagens uma ambição desmedida e ver nos homens apenas seres egoístas e sem escrúpulos. Mas, afinal, só os doidos ou os indolentes é que não têm ambições. Pois, não nos diz ele que «a resignação é um suicídio quotidiano»? Para outros, como Ortega Gasset a resignação é «supremo estado de êxtase». Maneiras de ver e analisar a vida. Mas Balzac é um poeta da acção, o cronista do movimento e do sucesso dos homens, o pintor das grandes batalhas da vida. Resignação é renúncia e morte, e para Balzac só contava a vida, a vida com as suas ambições; ele é o narrador espantoso do drama que corre em todos os dias e de que os jornais quotidianos nos dão o registro frio, impreciso, em três linhas apressadamente redigidas. Mas Balzac nunca se satisfaz com a descrição do drama, procura desvendar todas as peças do drama, esmiúça as causas e paixões da acção humana. E' nesse aspecto que Balzac é grande e insuperável. Diz Arnold Hauser que ninguém criticou tão acerbamen-

SOMBRA DE MULHER A UMA ROSA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tenebroso cárcere e entregaram-lhe um cadáver.

Neste gesto repulso é que se encontra a maldade do tirano que martirizou inutilmente os Távoras!...

Vamos ao terceiro caso da sombra da mulher má que prolifica em todas as camadas da sociedade. Até na classe comercial germina essa planta venenosa...

Passaram muitos anos que me travei de razões com um meu fornecedor do Porto. Armazenista conhecido, negociando em algodões e sedas.

Um dia sacou a mais em uma conta que lhe devia. Apurei que tinha feito a mais dois ou três fregueses o mesmo abuso. Não aceitei nem paguei o saque. Teve dois protestos legais. Não me importei. Deixei correr o marfim — como se dizia então.

Decorridas duas semanas, recebi do Porto uma carta comercial que vou resumir: o credor ia sacar novamente, adicionando todas as despesas dos protestos e das transferências. Lamentava, também, que o Algarve ficasse tão longe do Porto, pois inibia-o de me vir dar uma lição de moral...

Respondi-lhe na volta do correio: «Não paguei o saque por V. ser useiro e vezeiro em roubar os seus clientes. Tentou roubar o sr. R. Silva, de Olhão, o sr. V. Soriano, de Faro, e a mim e talvez a outros mais.

Saque quando quiser — mas somente o que lhe devo. Junto um programa das festas de Faro, com passagens baratíssimas, para vir mostrar-me a sua valentia...»

O homem abriu os olhos, sacou o que lhe devia e pediu desculpa do engano.

Um mês depois, chegou aqui o viajante desse armazém. Contei-lhe o que se tinha passado e preveni-o de que não voltaria a comprar a essa casa.

Amavelmente, convidou-me a não fazer caso do incidente, visto o patrão andar desvairado...

Aconselhei que o internasse no «Conde Ferreira», ao cuidado do dr. Júlio de Matos, então direc-

tor do referido manicóio. O viajante explicou-me, a seguir, a origem da doença:

— O sr. Barros tem 60 anos e casou, há poucos meses, com uma rapariga de 18... Para agravar o seu estado senil, desconfia que a esposa é-lhe infiel... Um drama como outros!

— O seu patrão veio marrar em mim quando devia marrar no rapaz que lhe ronda a mulher, a honra e a bolsa... Tenha paciência, mas a minha resolução não se modifica...

Findou o serão e nós rimos do epílogo alegre. Voltando-me para o narrador, perguntei-lhe com sinceridade:

— O sr. Fernando, com a sua poderosa memória e vasta erudição, podia viver em uma cidade entre gente culta e colaborar em jornais diários... Seria mais feliz, certamente.

— Não, meu pobre sacristão! Nunca gostei dos meios grandes nem das figuras marcantes das letras, da sociedade e da política...

Alexandre Herculano renunciou a tudo isso; Camilo e Antero suicidaram-se; Teófilo Braga, mortos a esposa e os dois filhos, viveu como um frade... E na antecâmara do túmulo, ainda fez um soneto a uma rapariga nova... A sombra de mulher resplandeceu com a primeira Eva e acabará com o último Adão. São os poetas os únicos seres que guardam no coração, em sínteses luminosas, a ventura e a desventura que os atormentam a vida inteira. Augusto Gil, poeta filósofo e boémio, deixou-nos esta divisa sentimental:

Se aquilo que a gente sente
Cá dentro, tivesse voz,
Muita gente, toda a gente
Teria pena de nós.

Marcos Algarve

Organização da Indústria de Conservas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

presente, constitui uma das mais valiosas actividades da economia nacional.

O quadro seguinte mostra a participação das conservas de peixe — que a partir de 1950 só foi ultrapassada pelas cortiças — no conjunto das exportações para o estrangeiro.

Em 1955, o valor das exportações para o estrangeiro de conservas de peixe foi de 922.901 contos, o que representa uma percentagem de 14,8 em relação ao total das exportações.

No novo enquadramento jurídico do problema das conservas de peixe foram encarados com perfeito realismo quer a posição que cabe às conservas de peixe na economia do País, quer os problemas de ordem económica, social e financeira característicos da indústria.

As condições de venda de peixe, com atenção pelas relações de interdependência das conservas e da pesca, a criação de novos mercados externos, a organização e investimento das operações comerciais, e reorganização da indústria e regulamentação do seu condicionamento, tudo está devidamente prescrito no articulado desse diploma, em boa hora promulgado.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Romper com Balzac constituiria um tremendo erro. Permaneço, pois, um assíduo e fiel leitor da «Comédia Humana», aconselhando os leitores a fazerem o mesmo. Um escritor como Balzac, de quem um grande economista do século XIX confessava que aprendera mais na obra do romancista do que em centenas de tratados de economia, não podemos, sem dúvida, ignorá-lo ou esquecê-lo.

Rodrigues Pena

A UMA ROSA algarvia

Rosa tão linda não vi
Como aquela que encontrei.
Senti ganas de colhê-la,
Quis avançar... e parei!

Que bela! Que formosura!
Que raridade e feitico!
Não vi no mundo outra Rosa
Igual a ela, no viço.

As pétalas, só veludo
Da mais fina tessitura!
Fiquei perplexo e mudo,
Olhando a Rosa mais pura.

Mas com carinho paterno
Quero tratá-la a meu jeito,
Não vá o frio do Inverno
Plantar a dor em meu peito.

De guardá-la gostaria,
Bem junto a meu coração.
Já que a Rosa me inebria
Quero tê-la em estimação.

23/9/1956.

RUY DE ALÉM-TEJO

A Hora do Algarve

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dos os trabalhadores portugueses condições de bem estar e recreação, em estâncias apropriadas, acaba de dilatar a valiosa missão em que se empenha, até ao Algarve, promovendo — ao que se anuncia — a criação de uma Colónia de Férias em Albufeira, a encantadora vila-praia do litoral algarvio.

«Ao encontro da ansiedade com que o Algarve aguardava o aproveitamento das suas condições materiais — refere a Imprensa — se dirigim o sr. ministro das Corporações e Previdência Social e a direcção da F. N. A. T. Precedendo os trabalhos de construção e adaptação, cujas despesas ascendem a cerca de dois mil contos, está aberto concurso público cuja memória descritiva e justificativa, caderno de encargos e projecto se encontram na sede da F. N. A. T. Estão previstos todos os meios necessários e possibilitadores do aumento do nível social e cultural do trabalhador, desde as instalações propriamente ditas a salas de leitura, jogos, bibliotecas e parques desportivos, tendo constituído preocupação na elaboração do projecto a certeza de que a Colónia de Férias de Albufeira será continuada da obra já realizada.»

E' nos particularmente grato constatar que, de vez em quando, a nossa ridente província é lembrada — e algumas das suas muitas e justas aspirações vão sendo atendidas. Neste caso, o do aproveitamento das excelentes condições materiais da vila de Albufeira para ali estabelecer um centro de vida social e corporativa, juntamos, ao aplauso colectivo pela simpática iniciativa, os nossos votos para que outras regiões algarvias — excepcionalmente dotadas para o estabelecimento de organizações congêneres — venham a ter, também, um justo aproveitamento, pois quanto mais se expandir esta obra da F. N. A. T. maior será o número de trabalhadores beneficiados — com o consequente reflexo no progresso e fomento da Nação.

Visado pela Comissão de Censura